

Aureliano critica os partidos

O maior fracasso das lideranças políticas no Brasil, nessa fase de transição do regime, foi a reorganização partidária, que não deu certo, segundo o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves, para quem esta realidade terá que ser devidamente avaliada para encontrar alternativas que tornem mais representativo o quadro partidário, ainda antes da eleição da Constituinte em novembro de 1986.

Numa análise informal a respeito da vida política nacional, o ministro das Minas e Energia constata que só existe um grande partido, o PMDB, com grande apelo popular, enquanto os demais são verdadeiras caricaturas de partidos. O próprio PFL ainda não demarrou para desempenhar seu papel e estabelecer o equilíbrio.

GIGANTISMO

Para que o panorama partidário tivesse equilíbrio, era indispensável que alguns partidos tivessem demarado, como é o caso do Partido da Frente Liberal. Mas, infelizmente, segundo o ministro, isso não ocorreu e o PMDB está praticamente soli-

tário, ameaçando se transformar em um novo Areião.

Segundo Aureliano, a fragilidade da vida partidária pode ser vista a olho nu pela desordenação com que agem os partidos dentro do Congresso. Não há aquela disciplina consciente que nasce da adesão de cada militante à causa partidária. O que sofreu e sofre o líder Pimenta da Veiga, tendo que lutar com tantas dificuldades dentro do seu partido, o PMDB, sofreria qualquer outro.

Aureliano Chaves lembra que não se pode confundir autoridade com autoritarismo — mas a autoridade torna-se necessária em qualquer regime democrático. Para que haja verdadeira ordenação democrática, é preciso que exista uma espécie de autoridade consentida, que se exercita com a plena concordância do meio.

O ministro lembra-se de que os partidos que funcionaram durante o reinado da Constituição de 1946 conheciam suas dissenções, viviam suas crises, mas regiam-se por normas disciplinares que resultavam de um consenso entre seus membros.

Em 1962, lembra-se Aureliano de que era o líder da UDN e do

Governo Magalhães Pinto na Assembléia de Minas Gerais. O PSD era, então, o primeiro partido, a UDN o segundo, o PTB o terceiro, o PR (Partido Republicano), de Arthur Bernardes) o quarto.

Havia muita luta, muito empenho nas votações, mas os acordos eram religiosamente respeitados. Havia disciplina em cada partido pela adesão consciente dos seus integrantes. Hoje, o que se vê, é uma completa desarticulação que revela a não-identidade dos políticos com os seus partidos.

O senador Amaral Peixoto, presidente do PDS, concorda com as observações do ministro e diz que o maior erro do movimento vitorioso em 1964 foi extinguir os partidos políticos que, bem ou mal, já existiam e representavam importantes correntes de opinião dentro da sociedade brasileira.

Se tinha apreensões com o precário quadro partidário do País, Amaral viu crescer essas preocupações pelo que lhe foi dado observar durante a votação da emenda convocatória da futura Assembléia Nacional Constituinte. Ele diz que, agora, tem mais razões para temer pelo futuro político do País.